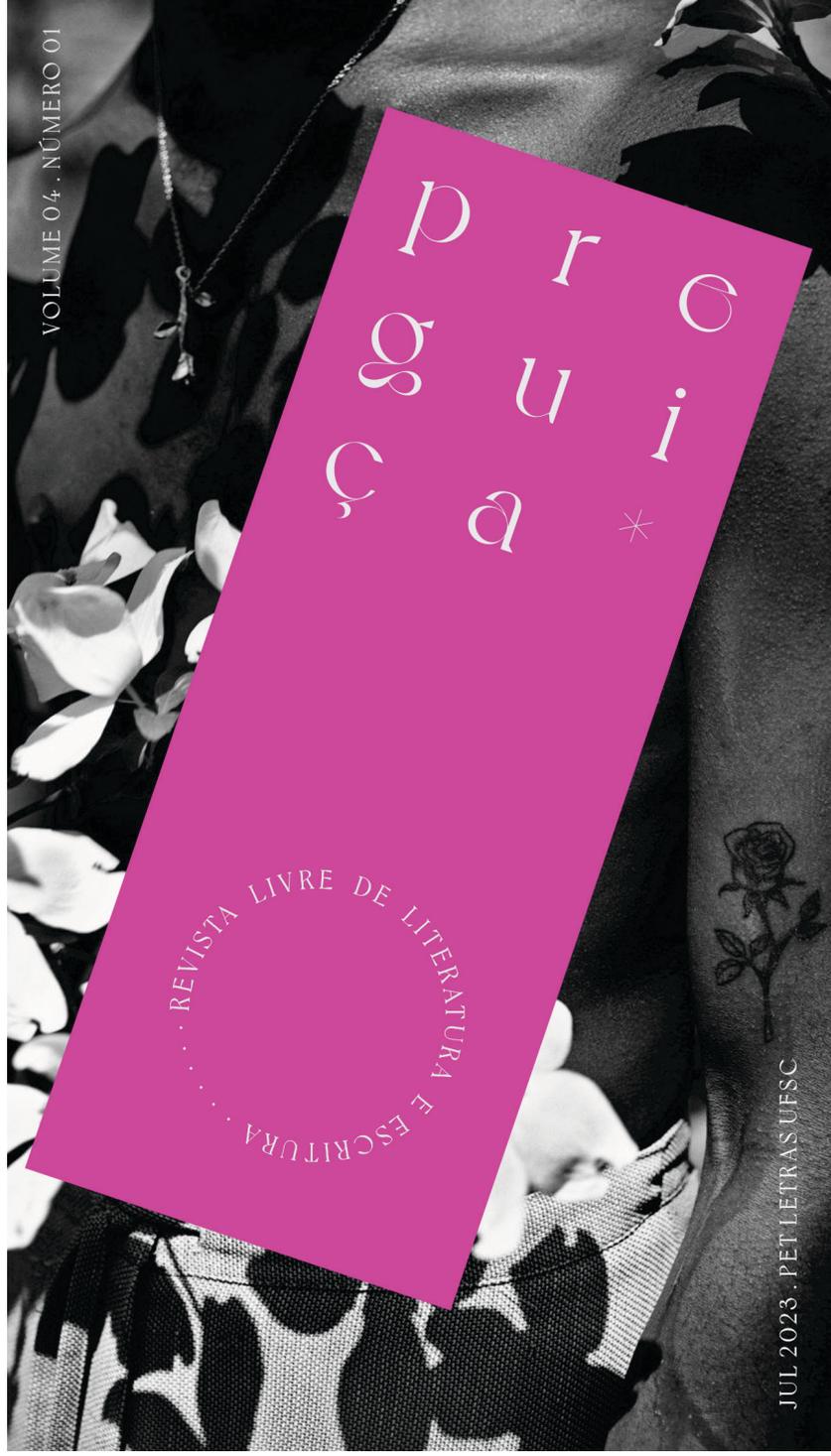


VOLUME 04 . NÚMERO 01

p r e  
g u i  
ç a \*

REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA

JUL 2023 . PET LETRAS UFSC



## TRÊS MULHERES

Luan Renato Telles\*

A segunda: Renatinha pão e vinho! Desde pequenininho minha mãe me ensina que pra colher a mais bonita rosa, é preciso ter cuidado com os espinhos. E eu sei bem que ela é capaz de brigar com qualquer vizinho só para defender a honra dos próprios filhos. Um coque no cabelo. No rosto, uma expressão séria. Mas quem tem o privilégio de se aproximar, a ponto de conseguir olhar dentro dos olhos dela, percebe que na verdade ela chora todo dia assistindo à novela. “De novo, mãe? Por que cê tá chorando?” “Ai, não sei meu filho. É que de vez em quando surge no peito uma dor sem tamanho, um infinito incolor que escorre pelos olhos e deságua em um pranto”. Deve ser isso que chamam de banzo. Uma dor ancestral, que passa da mãe preta para o filho que ela está criando.

Três.

Existem três mulheres que contribuíram para a formação da minha identidade. A primeira: Lucia. Essa nem gosta de brincadeira. Eu lembro que, na infância, eu até parava de pensar besteira quando ela me sentava na cadeira, entre o sofá e a geladeira, e perguntava: “menino, cê nasceu pra ser, ou pra fazer poeira?”. Até hoje eu carrego essa pergunta como a minha lição mais verdadeira. Minha avó é irredutível. Forte, que nem um furacão. Parece que a vida ensinou a ela guardar toda e qualquer emoção dentro de uma caixinha que ela esconde perto do coração, muito bem guardada, lacrada, fechada e que ninguém pode espiar. Mas sabe que às vezes eu me pego pensando que eu nunca vejo a Dona Lucia chorar?

A terceira está sempre comigo, para me lembrar do significado da palavra luta: Lucrecia! Preta. Firme. De Lua. Andava pelo bairro como se fosse a própria dona da rua, esbanjando o respeito conquistado no suor da pele escura. E quando alguém batia na nossa porta, pedindo por ajuda, ela convidava a entrar, oferecia colo, e benzia com um rosário e um galho de arruda. Minha tia avó não teve filhos, mas foi tão mãe que recebeu o apelido: Manhuca. Manhuca. Manhuca. Trabalhava como nunca para sustentar toda a família. Acordava bem cedo, pegava a bicicleta verde que ela tinha e saía em direção ao emprego, a labuta do dia a dia. E de tanta, mas tanta teimosia, Manhuca acabou se tornando a primeira mulher de Lages a trabalhar em um posto de gasolina como frentista.

---

\* Luan Renato Telles, ator, dançarino, cantor, poeta e educador social. Faz parte dos coletivos Poeira Grupo de Teatro, Cia Nosso Olhar e Ação Zumbi. @luanrenatotelles

No dia em que Manhuca faleceu, um pedacinho do Sol escureceu. Desde então eu recorro ao passado pra tentar entender o futuro, pois eu vejo a história dela – delas! – se repetindo em tantas outras mulheres do fim do mundo. E de noite, quando eu deito no travesseiro para descansar da vida rasteira, eu lembro delas e me pergunto “mas afinal, elas foram ou fizeram poeira?”. Mãe. Vó. Manhuca. Eu preciso admitir que não sei nem mesmo se eu sou ou se faço poeira, mas se tem uma coisa que eu posso garantir agora é que eu vou fazer de tudo para que o mundo nunca esqueça das suas histórias. Eu sou Griô. Djeli. Eu trabalho com memórias. E a cada segundo, minuto, hora, minha cabeça procura uma forma de fazer com que eles se lembrem das senhoras. Por isso eu pego esse banzo que eu recebi. Amasso. Transformo em amor e compartilho com os meus, pois foi assim que vocês me ensinaram. Por que eu aprendi, seja pelo suor do trabalho ou pelo carinho presente em cada gesto, que mulher preta não é uma muralha intransponível e firme de concreto.

Mas sim um poço. Profundo. Infinito.

De afeto.